

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA.  
DE MINAS GERAIS - CAMPUS BAMBUÍ**

**BACHARELADO EM AGRONOMIA**

**MARISETE ALVES PINTO**

**O DESENVOLVIMENTO DA PRAÇA CORONEL TORRES EM BAMBUÍ -  
MINAS GERAIS: UMA PROPOSTA DE MELHORIA NO PAISAGISMO**

**BAMBUÍ – MG**

**2024**

**MARISETE ALVES PINTO**

**O DESENVOLVIMENTO DA PRAÇA CORONEL TORRES EM BAMBUÍ  
- MINAS GERAIS: UMA PROPOSTA DE MELHORIA NO PAISAGISMO**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Agronomia IFMG – *Campus* Bambuí como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Erika Soares Reis

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Marina Azeredo Andrade.

**BAMBUÍ — MG**

**2024**

Catálogo na Fonte Biblioteca IFMG - Campus Bambuí

P659d Pinto, Marisete Alves.

O desenvolvimento da praça Coronel Torres em Bambuí -  
Minas Gerais: uma proposta de melhoria no paisagismo. /  
Marisete Alves Pinto.

– 2024.

35 f.; il.: color.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. M<sup>a</sup>. Erika Soares Reis.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Instituto  
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas  
Gerais – Campus Bambuí, MG, Curso Bacharelado em  
Agronomia, 2024.

1. Revitalização. 2. Parques. 3. Evolução. I. Reis, Erika  
Soares. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS**  
**Campus Bambuí**  
**Diretoria de Ensino**  
**Departamento de Ciências Agrárias**

Ofício N° 52/2024/CBA-DCAG/CBA-DE/CBA-IFMG/IFMG

**MARISETE ALVES PINTO**

**O DESENVOLVIMENTO DA PRAÇA CORONEL TORRES EM BAMBUÍ - MINAS  
GERAIS: UMA PROPOSTA DE MELHORIA NO PAISAGISMO**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Bacharelado em Agronomia do  
IFMG – *Campus* Bambuí como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: 21 /08/2024 pela banca examinadora.

---

Profª. M<sup>a</sup>. Erika Soares Reis (Orientadora IFMG – *Campus* Bambuí)

---

Prof<sup>a</sup>. Marina Azeredo Andrade (Coorientadora IFMG – *Campus Bambuí*)

---

Prof. Ricardo Alexandre da Silva (Membro da banca)

---

Prof. Ricardo Monteiro Corrêa (Membro da banca)

---

**BAMBUÍ – MG**  
**2024**



Documento assinado eletronicamente por **Erika Soares Reis, Professora**, em 26/08/2024, às 09:38, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Monteiro Correa, Professor**, em 26/08/2024, às 11:00, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Alexandre da Silva, Técnico de Laboratório**, em 26/08/2024, às 13:28, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **MARINA AZEREDO ANDRADE, Usuário Externo**, em 26/08/2024, às 15:21, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **1995691** e o código CRC **D818D6C3**.

*“Ora et labora.”*  
*São Bento de Núrsia*

## RESUMO

A análise da criação e evolução de um espaço urbano ao longo dos anos é fundamental para preservar sua história. Praças e parques sempre foram elementos centrais nas cidades, refletindo sua história e servindo de cenário para eventos tanto públicos quanto privados da comunidade. As praças, presentes desde os primórdios da civilização, organizam o ambiente urbano e são locais de convívio, onde as pessoas se reúnem para relacionar-se, desfrutar do tempo livre, compartilhar experiências e participar de eventos culturais, artísticos e sociais, entre outras atividades. Elas também funcionam como espaços públicos de socialização, proporcionando um ambiente aberto onde todos podem se sentir à vontade e aproveitar o que cada praça tem a oferecer, que pode variar de uma para outra. Nesta investigação, foram coletadas informações bibliográficas, relacionadas ao tema em questão, incluindo jornais e o conhecimento de historiadores, com o intuito de fundamentar a pesquisa e ampliar a compreensão do assunto. Este trabalho teve por finalidade de fazer um levantamento histórico do paisagismo da Praça Coronel Torres, localizada no bairro Central, de Bambuí – MG, além de propor novos elementos paisagísticos no projeto já existente. A proposta foi fundamentada em pesquisas qualitativas do local, tendo como objetivo proporcionar melhores condições de vida para a comunidade, a partir da implantação de áreas de lazer comunitário. O projeto paisagístico surge mediante a análise da área, e do seu entorno, e tem como objetivo oferecer melhores condições sociais e ambientais para a Praça de Bambuí. Para tal, foram levados em consideração os seguintes aspectos: arborização; verificando se a vegetação existente é suficiente para proporcionar um bom conforto térmico e ambiental e áreas de permanência; onde os moradores possam conviver e se relacionar, etc. Com as modificações propostas, foi elaborado um projeto paisagístico por meio do AutoCAD, afim de melhorar a visibilidade do projeto final.

**Palavras- chave:** Revitalização, Parques, Evolução, Patrimônio.

## **ABSTRACT**

Analyzing the creation and evolution of an urban space over the years is essential to preserving its history. Squares and parks have always been central elements in cities, reflecting their history and serving as the setting for both public and private community events. Squares, present since the dawn of civilization, organize the urban environment and are places of conviviality, where people gather to interact, enjoy their free time, share experiences and participate in cultural, artistic and social events, among other activities. They also function as public spaces for socializing, providing an open environment where everyone can feel at ease and enjoy what each square has to offer, which can vary from one to another. In this investigation, bibliographical information related to the topic in question was collected, including newspapers and the knowledge of historians, with the aim of supporting the research and expanding understanding of the subject. The purpose of this work was to conduct a historical survey of the landscaping of Praça Coronel Torres, located in the Central neighborhood of Bambuí - MG, in addition to proposing new landscaping elements in the existing project. The proposal was based on qualitative research of the site, with the aim of providing better living conditions for the community, through the implementation of community leisure areas. The landscaping project emerged from the analysis of the area and its surroundings, and aims to provide better social and environmental conditions for Bambuí Square. To this end, the following aspects were taken into consideration: tree planting; verifying whether the existing vegetation is sufficient to provide good thermal and environmental comfort and areas for residents to spend time; where residents can live and interact, etc. With the proposed modifications, a landscaping project was prepared using AutoCAD, in order to improve the visibility of the final project.

**Keywords:** Revitalization, Parks, Evolution, Heritage.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1 Objetivo geral</b> .....	<b>11</b>
<b>2.2 Objetivos específicos</b> .....	<b>12</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>12</b>
<b>3.1 Caracterização da área urbana em análise</b> .....	<b>12</b>
<b>3.2 Praça Coronel Torres</b> .....	<b>14</b>
<b>3.3 Praças urbanas</b> .....	<b>19</b>
<b>3.4 Plantas para espaços publicos</b> .....	<b>20</b>
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	<b>22</b>
<b>4.1 Fatos históricos</b> .....	<b>22</b>
<b>4.2 Projeto e Memorial descritivo proposto</b> .....	<b>23</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>24</b>
<b>5.1 Memorial descritivo de obra</b> .....	<b>24</b>
<b>5.2 Disposição das espécies no projeto paisagístico</b> .....	<b>28</b>
<b>5.3 Planilha orçamentária</b> .....	<b>31</b>
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, com o crescimento acelerado das grandes cidades, diversos municípios brasileiros vêm enfrentando adversidades decorrentes da falta de planejamento urbano e falta de políticas eficazes que auxiliam no ordenamento e qualidade ambiental dessas cidades (LONDE; MENDONÇA, 2014).

Os grandes centros urbanos, necessitam de mais qualidade e diversidade paisagística, a arborização, jardins verticais, canteiros e rotatórias com flores e praças públicas, contribuem para o visual do ambiente. O paisagismo contribui em diversos pontos, entre eles: diminuição da temperatura, aumento da umidade, melhora na drenagem da água e também a preservação ambiental.

Nas grandes cidades, em que as construções na sua maioria são verticalizadas, o paisagismo contribui como preenchedor de pequenas áreas públicas, agregando na qualidade de vida da população. Um dos elementos essenciais, é a arborização, principalmente nas praças e canteiros que proporcionam purificação do ar, e diminuem a poluição e ruídos (AMADOR, 2014).

As praças sempre estiveram presentes na história das cidades, fazem parte das histórias e acontecimentos da vida pública e privada. Tais ambientes, são caracterizados como espaços livres e públicos e de importância fundamental para a sociabilidade das pessoas que habitam esses centros urbanos (CASÉ, 2000).

Apesar de no passado as praças públicas terem principal função de espaços de lazer e socialização, atualmente, elas não só apresentam esse papel, como também são áreas verdes com características socio-ambientais, ou seja, que beneficiam tanto o meio ambiente quanto a população, por meio de melhorias constantes do ambiente e qualidade de vida (BOENI; SILVEIRA, 2011).

No Brasil, um estudo sobre as praças brasileiras conceitua os espaços livres urbanos como locais destinados ao lazer e ao convívio da população e, portanto, precisam ser de livre acesso. Atualmente, os espaços públicos das grandes cidades cresceram e se desenvolveram sem planejamento urbano, e com isso, algumas regiões acabam sofrendo abandono, como, por exemplo, as áreas centrais, gerando a desvalorização desses espaços (ROBBA; MACEDO, 2002).

As áreas destinadas à vegetação são cada vez mais restritas, muitas vezes atribuídas a pequenos espaços, como canteiros centrais das avenidas, jardineiras em locais isolados e algumas praças e parques do município (SOUZA *et al.*, 2011).

Seria necessário que os governantes desenvolvessem políticas públicas que custeassem projetos ambientais, que fossem capazes de desenvolver os aspectos ecológicos e paisagístico das cidades. Estes projetos poderiam priorizar as espécies nativas de cada região do Brasil, podendo manter a integridade da vegetação em conformidade com o desenvolvimento da infraestrutura urbana (BOENI; SILVEIRA, 2011).

Quando se utiliza da arborização e também da vegetação para complementar a paisagem de grandes centros urbanos, as plantas exercem suas funções sociais e ecológicas, trazem vantagens ao lazer da população e auxiliam na conservação da biodiversidade regional e preservação da flora e da fauna nativa (KRAMER; KRUPEK, 2012).

Dentre as diversas praças existentes no Brasil, o principal problema relacionado a todas elas é a falta de planejamento, muitas vezes quando são vistos os inventários florísticos encontrados juntamente a prefeitura das cidades, são revelados espécies de plantas exóticas compondo a flora urbana (ASSUNÇÃO et al., 2014).

Outro fator comumente encontrado, é que na maioria das praças públicas, são identificadas poucas ou até mesmo uma espécie somente predominando a composição florística e arbórea do ambiente, refletindo em baixa biodiversidade. Como resultado, temos espécies mais suscetíveis a doenças, pragas entre outros problemas (SILVA; GOMES, 2013).

As espécies nativas do Brasil são diversas e apresentam grande valor paisagístico. Apresentam vantagens, quando comparadas a espécies migratórias, por se adaptarem melhor às condições climáticas do meio. A realização de pesquisas que envolvem os espaços livres nos perímetros urbanos é de extrema importância, já que é necessário o planejamento preventivo garantindo qualidade socioambiental (SOUSA et al., 2013).

A praça Coronel Torres, localizada no centro de Bambuí – Minas Gerais, despertou o interesse para estudo e desenvolvimento do anteprojeto paisagístico. Atualmente, a praça se configura como um local de suma importância no âmbito municipal, já que articula diversos setores e atividades, abrigando importante área comercial e órgãos institucionais. É importante ressaltar que a praça em estudo, Coronel Torres, está localizada em um dos bairros mais antigos da cidade, o centro.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

O objetivo desse trabalho é reconhecer a importância da vegetação em meio às pessoas, mostrando a diferença que o paisagismo urbano pode trazer na qualidade de vida da sociedade, e fazer um levantamento histórico do paisagismo da Praça Coronel Torres, além de propor

novos elementos paisagísticos no projeto já existente.

## 2.2 Objetivos específicos

- a) Pontuar as diferenças quanto a arborização e paisagem da Praça Coronel Torres ao longo dos anos e após a sua última reforma;
- b) Promover sugestões paisagísticas a serem incluídas no projeto já existente.
- c) Acentuar a importância do projeto paisagístico na construção dos espaços públicos.
- d) Propor um novo projeto paisagístico para a Praça Coronel Torres em Bambuí – MG.

## 3. REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 Caracterização da área urbana em análise

A cidade de Bambuí (Figura 1), foi fundada no dia 10 de julho de 1886, fica localizada nas coordenadas geográficas com Latitude: 20° 01' 17" Sul e Longitude: 45° 57' 39" Oeste. É uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, que se estende atualmente pelo território de 1.453,99 km<sup>2</sup>. A população de Bambuienses, contabilizada no último censo (2022), foi de 23.546 habitantes (IBGE, 2022).

**Figura 1** - Entrada da cidade de Bambuí – Minas Gerais.



**Fonte:** Gazeta do Povo (2020).

De acordo com alguns historiadores locais, a história de Bambuí começou por volta de 1720, com a chegada do primeiro homem branco, chegado da Vila de Pitangui. Seu nome era João Veloso de Carvalho e ele era o Capitão Mor de Pitangui, junto dele, Antônio Rodrigues Velho também teria se estabelecido na região na mesma época (SILVA, 2011).

O início do povoamento, de fato, aconteceu com a abertura da Picada de Goiás em 1736,

que uniu a capital da Colônia, na época Rio de Janeiro, à província de Goiás. Tal caminho havia grandes lavras de ouro. A região de Bambuí era atravessada por esse caminho tão importante na Inconfidência Mineira (SILVA, 2011).

O povoamento na região se intensificou, somente duas décadas depois, com a chegada do Mestre de Campo, Inácio Corrêa Pamplona, homem importante ligado a Inconfidência Mineira como um dos delatores de Tiradentes. Durante os anos de 1765 e 1766, Pamplona realizou sua entrada e se estabeleceu na região de Desempenhado (MAGALHÃES, s.d.).

Segundo o historiador Barbosa (s.d.), a expedição, datada no ano de 1769, foi marcada com a construção de uma capela na região, fato importante para a criação do arraial. Para a construção da capela, Pamplona fez a doação de 200 oitavas de ouro, cedeu 16 escravos, bois e carros, além do terreno para a própria construção. Por essas iniciativas, o senhor Inácio foi considerado o fundador do arraial de Bambuí.

Segundo o IBGE, o nome Bambuí significa “rio que corre na planície”, rio situado na antiga “Picada de Goiás”, retratada no livro de Silva (2011). Muitos anos após a fundação do arraial, os primeiros exploradores das terras vieram das cidades atualmente denominadas: Pitangui, Itapecerica, Ouro Preto e São João Del Rei.

Com a exploração das terras, a pecuária era mantida como principal atividade local, dando espaço posteriormente para a produção leiteira, que atualmente, com a exportação de gado, constituem as principais fontes de renda do município (IBGE, 1957-1964).

A formação administrativa, ou seja, a elevação do Arraial à categoria de vila, se deu em 22 de setembro de 1881, quando entrou em vigor a Lei Provincial n.º 2.785, que denominava a vila como Santana do Bambuí, e a desmembrava de outros dois Municípios: Formiga e Piumhi. Cinco anos após o acontecido, no dia 10 de julho de 1886, pela Lei Provincial n.º 3.387, a vila se eleva à condição de cidade designada Bambuí (IBGE, 1957-1964).

No ano de 1910, a cidade vivenciou o seu primeiro grande salto de desenvolvimento, com a chegada da Estrada de Ferro Goiás. A ferrovia revolucionou o cenário da economia de Bambuí, uma vez que a cidade transportava suas mercadorias de forma mais precária. O município tornou-se mais próspero, desenvolvido, moderno e com isso, os bambuienses puderam expandir seus horizontes.

Alguns prefeitos apresentaram destaque na administração municipal, como Florentino Castellar de Magalhães, que em 1924 instalou a energia elétrica na cidade, com a construção da Usina da Cachoeira da Laranjeira. Antônio Torres, em 1937, também se destacou com a instalação do abastecimento de água encanada mediante poços artesianos.

Nos anos seguintes, Sinfrônio Torres, implementou o serviço de esgotos sanitários e a

construção da Usina Hidrelétrica do Samburá. O também prefeito Antônio Paulinelli de Carvalho durante seu mandato realizou a instalação do Posto Agropecuário, que atualmente é conhecido como IFMG - Campus Bambuí. E entre os anos de 1963 e 1967, mandato de João Moreira Magalhães ocorreu a instalação da CEMIG no município de Bambuí.

Tão importante quanto os fatos históricos a respeito da cidade de Bambuí, são os fatos e criações culturais. Em 1923, foi anunciada a criação da primeira praça, nomeada Mozart Torres. No ano seguinte, foi inaugurada a praça central de Bambuí, a Praça Coronel Torres.

Os terrenos foram passando por processos de jardinagem, até que em 1924 foram construídos os jardins ou canteiros. As principais obras de calçamento da cidade foram iniciadas a partir da Praça Coronel Torres (Figura 2).

**Figura 2** - Início do calçamento da cidade a partir da Praça Coronel Torres.



Fonte: Acervo de fotos Lindiomar Silva (2024).

### 3.2 Praça Coronel Torres

A cidade de Bambuí, apresenta diversas praças entre elas, a sua mais famosa e central, a Praça Coronel Torres. O espaço começou sua construção no ano de 1923, com sua inauguração somente no ano de 1924, com sua área total chegando a 2.212,29 metros<sup>2</sup>. A praça recebeu nova estrutura paisagística e de plantio, assim como a inauguração da sua iluminação com postes e globos verticais em outubro de 1934.

Antes mesmo da formação da arborização e dos canteiros da praça, já havia naquele local, o coreto da cidade. Não se tem muitos relatos históricos sobre a construção do coreto da cidade de Bambuí, mas os mesmos já marcaram história entre os séculos XIX e XX (BUTTROS, 2017). (Figura 3).

**Figura 3** - Coreto de Bambuí antes do projeto de criação da praça Coronel Torres.



**Fonte:** TV Interbam (2019).

Os coretos são elementos urbanos com função ornamental, que apresentam grande função histórica e social. Em sua grande maioria, os coretos são um pequeno pavilhão em ferro, inicialmente ligados às apresentações públicas de bandas militares, serestas e eventos religiosos (ALBERNAZ; LIMA, 2003). Conforme as informações do historiador Lindiomar Silva, em 1924 o Coreto da Praça Coronel Torres teve seu tombamento visto sua importância cultural para a cidade de Bambuí.

Antes da instalação dos jardins, o coreto era cercado com portões, muito comuns na época, que impediam a entrada de animais que eram criados nas redondezas. Os cercados eram com estruturas de ferro e, além de preservarem o ambiente, podiam ser comparados com a arquitetura dos jardins europeus antigos (JUSTE; PAIVA, 2015).

Após a retirada das grades, o coreto começou a ser cercado por canteiros rasteiros, que formavam desenhos ornamentais, já delimitando a ideia de uma praça (Figura 4). Assim como nas grades e portões citados anteriormente, o formato dos canteiros construídos também remetia à arquitetura dos jardins europeus.

**Figura 4** - Primeiros canteiros rasteiros da Praça Coronel Torres.



Fonte: Acervo de fotos Lindiomar Silva (2024).

No acervo de Bambuí, datado do ano de 1948 (Figura 5), já é possível observar a praça com os canteiros, gramados, algumas plantas ornamentais, arbustos e com árvores da espécie *Ficus benjamina*. A árvore de ficus é comumente plantada em locais públicos como praças, por apresentar uma grande copa que proporciona sombreamento eficaz.

**Figura 5** - Canteiros rasteiros plantados e arborizados, datado de 1948.



Fonte: Acervo família Saade (2024).

A espécie de *Ficus* (Figura 6), plantada no projeto de arborização da praça de 1948, é uma árvore muito usada em projetos de paisagismo, mas seu uso é recomendado em jardins ou praças com espaços amplos, sem nenhuma pavimentação próxima. Alguns problemas ocasionados pela espécie são devido ao seu crescimento acelerado que provoca estragos em fiações elétricas e quebra de passeios. No caso da fiação, somente a poda já consegue resolver o problema (VELASCO, 2003).

**Figura 6** – Exemplo da espécie *Ficus benjamina*, plantada na Praça Coronel Torres em 1948.



**Fonte:** Plant Finder (2024).

Outros problemas que devem ser observados ao se escolher espécies de plantas para locais públicos são: sua toxicidade aos animais e a população e suas pragas (RODRIGUES; COPATTI, 2009). Por um desses motivos, que no dia 25 de janeiro de 1963 o prefeito da época, Dr. João Moreira Magalhães, ordenou o corte de todas as figueiras da praça (Figura 7), já que as mesmas apresentavam infestação de um inseto denominado Tripes, que estava causando alergia na população.

**Figura 7** - Corte das Figueiras por infestação de Tripes.



**Fonte:** Acervo de fotos Lindiomar Silva (2024).

No ano de 1990, a praça Central da cidade passou por uma grande reforma, seus canteiros foram elevados para instalação de bancos em volta dos mesmos, os pisos foram trocados, o coreto passou por uma revitalização, recebendo uma placa (Figura 8) que oficializava a restauração e urbanização da Praça Coronel Torres.

**Figura 8** - Placa de oficialização da remodelação de urbanização da Praça de Bambuí.



Fonte: Autor (2024).

A nova arquitetura da Praça Coronel Torres continuou respeitando o antigo desenho e formato dos canteiros, que lembravam os antigos jardins europeus, mas os mesmos canteiros existentes, que antes eram rasteiros, começaram a ganhar alturas (Figura 9). A parte de jardinagem foi refeita, aproveitaram-se somente algumas árvores, arbustos e gramas que estavam no antigo projeto. Para que a praça ganhasse um ar mais moderno, sua pavimentação foi substituída por uma que remetia ao calçadão da Praia de Ipanema, no Rio de Janeiro (Figura 10).

**Figura 9** - Arborização da Praça Coronel Torres após sua reforma em 1990.



Fonte: Tapiraí-MG TV (2019).

**Figura 10** - Praça Coronel Torres com pavimentação remetendo às praias de Ipanema.



**Fonte:** TV KZ (2020).

### 3.3 Praças urbanas

A paisagem urbana é constituída por tudo aquilo apresentado aos habitantes e visitantes, podendo ser interpretada como a combinação de elementos naturais e arquitetônicos, que formam um conjunto, que podem ou não estar em equilíbrio (HARDT, 2000).

As intervenções na paisagem urbana devem levar em consideração toda a evolução da sociedade, assim como suas transformações históricas. Uma vez que toda cidade é dotada de um histórico e da permanência das suas paisagens, onde o que é atual convive com elementos do passado (PEIXOTO, 1996).

As praças, por sua vez, fazem parte das paisagens urbanas. Qualquer espaço livre de edificações, que permita convivência e recreação para a população, pode ser considerado uma praça. Tais locais apresentam valor significativo à cidade, já que propiciam bem-estar, desempenhando funções paisagísticas, estéticas, econômicas e de lazer (DIZERÓ, 2006).

O primeiro espaço precursor das praças, foi a *Ágora*, na Grécia Antiga, era um espaço aberto e amplo, muitas vezes delimitado por um mercado, que na época eram utilizados para práticas democráticas, discussões e debates. Até meados do século XVIII, as praças se restringiam aos arredores de palácios europeus, nem sempre inseridos no contexto urbano. Os espaços livres e públicos eram sempre marcados por aglomerações, comércio e pouca arborização (MACEDO; ROBBA, 2002).

Segundo Dizeró (2006), as praças são espaços que carregam uma simbologia, que marcam a evolução arquitetônica e local de ação. São palco de transformações históricas, sociais e culturais para a população. Em muitas cidades, tornam-se um espaço que

frequentemente abriga o comércio formal e informal, como feiras gastronômicas, artesanais, entre outras (FONT, 2003).

Os autores Bargas e Matias (2011) também disseram que as áreas verdes urbanas, são espaços livres compostos por vegetação arbustiva e arbórea, com solo livre de edificações, e muitas vezes cobertas por gramas e plantas rasteiras. As praças são amplas, arborizadas e podem ser públicas ou não, apresentando principais funções como: ecológica, estética e de lazer. Moreiro *et. al.* (2007) complementam que são consideradas áreas verdes, todos os espaços que englobam vegetação arbórea, ou seja, parques e jardins também são áreas verdes urbanas.

A recuperação da paisagem ambiental urbana e a restauração do patrimônio cultural, bem como a gestão das áreas verdes, visam a melhoria da qualidade de vida, podendo integrar iniciativas públicas e privadas com foco na preservação desses espaços e ambiência urbana para a proteção do ambiente natural em busca de maior sustentabilidade (DOURADO, 19970).

A diversidade das espécies vegetais que devem ser incluídas em projetos urbanos, precisam seguir certas recomendações de plantio, afim de permitir melhor conforto térmico, maior diversidade de cores, alimento para a fauna e espécies que estejam integradas na paisagem nativa sem que haja comprometimento das espécies naturais do local (HARDT, 1994).

### **3.4 Plantas para espaços públicos**

A arborização é tratada como um fator de equilíbrio ecológico, já que contribui na purificação do ar pela fotossíntese, influencia no balanço hídrico, ameniza o impacto das chuvas, auxilia no equilíbrio da temperatura e radiações solares, além de proporcionar o enriquecimento da paisagem urbana (GUIZZO; JASPER, 2005).

A urbanização modifica toda a estrutura física e biológica de um habitat, que pode afetar vários processos ecológicos, que estão inseridos a fauna e a flora nesses ambientes. Resultando dessa intervenção antrópica, a paisagem das cidades muitas vezes se parecerem com mosaicos, ou seja, a junção de diferentes ambientes, dos quais a vegetação se difere da composição, disponibilizando assim, recursos distintos à exploração da fauna (MENDONÇA; ANJOS, 2005).

A arborização urbana permite a interação dos espaços habitados e as regiões ao redor, possibilitando a continuidade da interação entre as partes biológicas e as características climáticas ambientais, sendo assim, evitadas maiores ondas de calor, ou os chamados “desertos biológicos” que causam desconforto ambiental em cidades sem proteção vegetal adequada

(SILVA; MAGALHÃES, 1993).

Com a utilização da arborização em praças como recuperação das áreas verdes nos grandes centros urbanos, o planejamento ainda é falho, uma vez que, com o uso de poucas espécies e de forma descontínua, ocasiona em perdas da biodiversidade. Ou seja, a vasta gama de animais que poderiam ser atraídos pelas plantas, com função de abrigo ou alimentação, não conseguem exercer o seu papel (TAURA; LAROCCA, 2001).

Tendo em vista essas condições, poucas espécies conseguem sobreviver nas áreas urbanas, e também é necessário optar por espécies que não causem danos à população, como alergias, ou plantas com substâncias tóxicas. Outro ponto importante, é plantar espécies que não ameacem o ecossistema, ou seja, espécies exóticas e/ou invasoras (JAPYASSÚ; BRESCOVIT, 2006).

Algumas espécies de árvores que podem ser utilizadas em espaços públicos, são: Manacá da Serra (*Tibouchina mutabilis*), Ipê-amarelo (*Tabebuia sp.*), Escova-de-garrafa (*Callistemon sp.*), Extremosa ou Resedá Rosa (*Lagerstroemia indica*), Cambuci (*Campomanesia phaea*), Pitangueira (*Eugenia uniflora*), Pata-de-vaca (*Bauhinia forficata*) e Quaresmeira (*Tibouchina granulosa*)(CARRASCO, 2020).

Tais espécies se adequam ao cenário já que possuem copas grandes, bem arejadas, são árvores altas e com raízes que não prejudicam as construções ao redor, conseguem exercer seu papel de diversidade de espécies já que algumas delas são frutíferas. São espécies tropicais e conseguem se adaptar a climas mais variados sem sofrer muito estresse. Algumas delas por crescerem muito como é o caso do Ipê, aconselha-se plantio longe de fios elétricos, ou que a prefeitura fique em dia com a poda das árvores (MIZUTANI, 2021).

A respeito das gramas, elas podem ser inseridas tanto em canteiros, quanto em espaços abertos, sendo assim, precisam ter uma certa resistência em caso de pisoteio. Uma das gramas preferidas e mais escolhidas atualmente pelos paisagistas é a grama Esmeralda, por apresentar resistência a pisoteio e também a plantas daninhas, tem folhas finas e verdes e se adapta muito bem às condições climáticas do Brasil (GODOY *et al.*, 2012).

Outras gramas que também podem ser utilizadas, são as São Carlos e Zeon, ambas resistentes mas com usos diferentes, por exemplo, a grama São Carlos apresenta folhas mais largas, e tolera locais com menos luminosidade se adaptando bem a jardins modernos. Já a grama Zeon assim como a Esmeralda tem folha fina e se adapta bem ao clima brasileiro, mas por não ser tão difundida, seu uso é mais visto em campos de golfe (GODOY *et al.*, 2012).

Os arbustos também são muito usados no preenchimento da paisagem em praças públicas. São espécies vegetais lenhosas ou semi-lenhosas, com ramificações desde a base e

possuem altura máxima de 4 metros de altura. São plantas com facilidade de formação, que podem ou não estar alinhadas, e se destacam principalmente por suas cores vivas, florescimento e padrão de folhagem (SOUZA; LORENZI, 2008).

São utilizadas com maior frequência os arbustos ornamentais: camarão (*Pachystachys lutea*), bico-de-papagaio (*Euphorbia pulcherrima*), cróton (*Codiaeum variegatum*), hortênsia (*Hydrangea macrophylla*), caliandra (*Calliandra spp.*), por se adaptarem bem aos solos e ao clima brasileiro, além de serem espécies que respondem muito bem a poda, possibilitando ajustes no local em que foram inseridos (ALVES; XAVIER; 2013).

Os gramados e outros vegetais de forração, assim como os arbustos, ao contrário dos solos concretados, contribuem para o manejo de água no solo, sua retenção, filtração e purificação. Porém é importante salientar, que a necessidade de irrigação das plantas presentes no sistema da praça são diferentes, podendo ser que ao irrigar o gramado em excesso, prejudique as raízes das árvores, arbustos ou flores (DALY, 2008).

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1 Fatos históricos**

O trabalho se iniciou com o reconhecimento da história da cidade de Bambuí – Minas Gerais, até que por fim a identificação da central Praça Coronel Torres. Com a análise, buscou-se fundamentar sua origem e importância no contexto histórico da cidade. Toda base da pesquisa foi conduzida por meio de acervos muito antigos, sobre as memórias da cidade e por arquivos encontrados de historiadores, alguns deles já falecidos.

Para fim de caráter exploratório, foram levantados dados bibliográficos, referentes ao tema proposto. E para mostrar maiores detalhes, as imagens resgatadas com antigos moradores, e historiadores podem demonstrar os fatos cronológicos acontecidos na época que ajudaram a esclarecer as transformações desse espaço.

Para se entender melhor os acontecimentos e fatos sobre a história de Bambuí, o livro “Bambuí nas Trilhas da Picada de Goiaz”, do escritor Lindiomar Silva foi essencial para fins de pesquisa e base teórica possibilitando um maior entendimento do assunto.

Em seguida, uma pesquisa foi realizada juntamente à prefeitura da cidade, para se entender melhor sobre a origem da Praça Coronel Torres, foram coletados seus projetos arquitetônicos de restauração e reformas, assim como memoriais descritivos de obras da própria praça.

A pesquisa apresenta caráter exploratório, concentrando-se no período compreendido

entre 1882 a 2024 e compreende à evolução histórica da Praça Coronel Torres, enfatizando às transformações morfológicas quanto ao desenvolvimento paisagístico.

Os resultados foram apresentados por meio de pesquisas, jornais, internet, acervos e informações bibliográficas fornecidas pelo historiador da cidade. Com acesso as informações, a história da Praça Coronel Torres foi escrita de forma direta, considerando a linha do tempo de sua evolução.

Foram analisados também, por meio de pesquisas, outros tipos de espaços arborizados afim de exercer uma comparação com a praça de Bambuí e estabelecer os pontos positivos a respeito das praças e dos espaços verdes para a urbanização.

#### **4.2 Projeto e Memorial descritivo proposto**

Com os fatos históricos já estudados, foram levadas em consideração quais as melhores espécies arbóreas e arbustivas para serem utilizadas em espaços públicos que não ocasionem danos à população, a fauna ou a flora nativa do ambiente.

Para a escolha das espécies do novo projeto, foi pensado em não fazer mudanças tão drásticas do espaço, espécies que pudessem se adequar a arquitetura ja existente. Sendo assim, folhagens escolhidas para as jardineiras, visaram mesclas cores mais vivas e vibrantes, assim como nas plantas escolhidas para os canteiros e pergorados. Espécies diferentes que pudessem agregar visualmente a paisagem e melhorar o ambiente.

Dessa forma, elaborou-se um projeto paisagístico visando propor melhorias ao atual modelo da Praça Coronel Torres. O projeto elaborado, foi feito no programa assistido por computador, o AutoCAD. Foi definido que as partes ja construídas, como o coreto, bancos, pergolado não seriam alterados, somente as plantas encontradas no local seriam modificadas, ou complementadas.

Foi elaborado um memorial descritivo, detalhando as espécies escolhidas para complementar o projeto da praça, no documento foram descritas algumas características importantes sobre cada espécie e quantas unidades seriam usadas ao total no projeto, e o preço médio pago em suas mudas, tendo uma base do valor gasto com as espécies.

Também foi incluso o calculo gasto com a mão-de-obra para a realização das modificações propostas no novo projeto de paisagismo da Praça Coronel Torres. Todas os calculos foram com base na média do que é pago a um jardineiro por hora, finalizando o valor total com uma estimativa do que será gasto.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Memorial descritivo de obra

#### MEMORIAL DESCRITIVO

#### OBJETO: PRAÇA CORONEL TÔRRES MUNICÍPIO: BAMBUÍ-MG

O presente memorial teve por objetivo fixar normas e especificações, esclarecer todas as etapas da reforma, para a execução dos serviços, com a finalidade de garantir material apropriado, durabilidade e resistência ao empreendimento.

#### 1) PLANTIO DE GRAMA EM PLACAS

Replanteio de grama em placas de 30x40cm (Figura 11), contabilizado em metro quadrado nos dois canteiros no interior da praça e nas partes de calçamento onde as gramas já estão ralas ou inexistentes (Figura 12). A grama escolhida para plantio foi a grama esmeralda (*Zoysia japônica*), total de 20 tapetes. É a espécie que demanda menos mão de obra, já que seu crescimento lento exige pouca manutenção e frequência de podas, o replanteio será necessário para uniformizar a área.

**Figura 11** – Tapetes de grama esmeralda (*Zoysia japônica*).



Fonte: Vivo Plantas, 2024.

**Figura 12** – Área de calçamento da Praça que precisa de replantio.



**Fonte:** Autor, 2024.

## 1) PLANTAS A SEREM UTILIZADAS

### a) Pergolado

Para o pergolado será proposta a espécie trepadeira Jade vermelha (Figura 13) de nome científico *Mucuna bennettii*. A Jade-vermelha deve ser cultivada sob sol pleno ou meia sombra, em solo fértil, profundo, enriquecido com matéria orgânica e irrigado regularmente. A espécie aprecia alta umidade do ar e calor tropical.

**Figura 13** - Espécie Jade Vermelha, utilizada em pergolados.



**Fonte:** Loja Plantei, 2024.

A planta Jade vermelha por necessitar principalmente de solo profundo, será plantada diretamente na terra ao lado dos postes do pergolado. Será retirado um pouco do piso ao redor dos pilares, permitindo acesso a parte de terra.

O solo será remexido para ficar mais maleável para o plantio, e incorporado a adubo orgânico. Após a retirada do piso, será refeito o desenho em formato circular com pedaços de

pisos quebrados para garantir acabamento, considerando um raio de 30cm, a partir dos pilares.

As mudas de Jade, que ao total serão nove unidades, serão plantadas diretamente na terra, e para acabamento, visando que a terra não fique exposta, serão colocados tapetes de grama esmeralda.

## b) Canteiros

Nos canteiros laterais da praça, já estão plantadas Palmeiras Azuis (*Bismarckia nobilis*) (Figura 14), somente uma palmeira no centro de cada canteiro, e são gramadas ao redor. Os canteiros são rasteiros e apresentam contensão de aramado arredondado, de 30cm de altura.

**Figura 14** - Canteiro lateral da Praça Coronel Torres.



**Fonte:** Autor, 2024.

Tendo em vista a estrutura já no local, serão plantadas mudas de Maria Sem-Vergonha (*Impatiens walleriana*) (Figura 15) conhecida por suas cores vibrantes. As cores das flores são diversas e incluem tons de vermelho, amarelo, laranja, rosa e até branco. A planta pode crescer entre 30 a 60 centímetros de altura. Necessita de meia sombra para florescer adequadamente, sendo uma planta que floresce o ano todo.

**Figura 15** - Espécie *Impatiens walleriana*, utilizada em jardins.



Fonte: Unsplash, 2024.

Ao todo serão plantadas 48 mudas de Maria Sem-vergonha nos canteiros laterais, com espaçamento de 1,8m entre as mudas, tanto no canteiro maior, quanto no menor. O espaçamento escolhido foi devido ao poder de propagação dessa espécie, visando que a mesma forme um arbusto homogêneo em torno do aramado já existente.

### c) Jardineiras

Ao lado dos bancos, existem algumas jardineiras com plantas, que no novo projeto serão mescladas com outra espécie diferente, garantindo maior variedade paisagística e menor risco de contaminação por pragas e doenças.

Com a estrutura de jardineiras no local, serão plantadas mudas da espécie Celósia Caracas (*Celosia sp.*)(Figura 16) conhecida por suas cores vibrantes. A planta pode crescer entre 20 cm a 1 metro de altura. Necessita de pleno sol para florescer adequadamente. E necessita ser plantada em áreas que recebam pelo menos 6 horas de sol direto por dia, ao total serão plantadas 22 mudas de Celósia Caracas.

**Figura 16** - Espécie Celósia Caracas, utilizada em jardins.



Fonte: Real Receptivo Holambra, 2024.

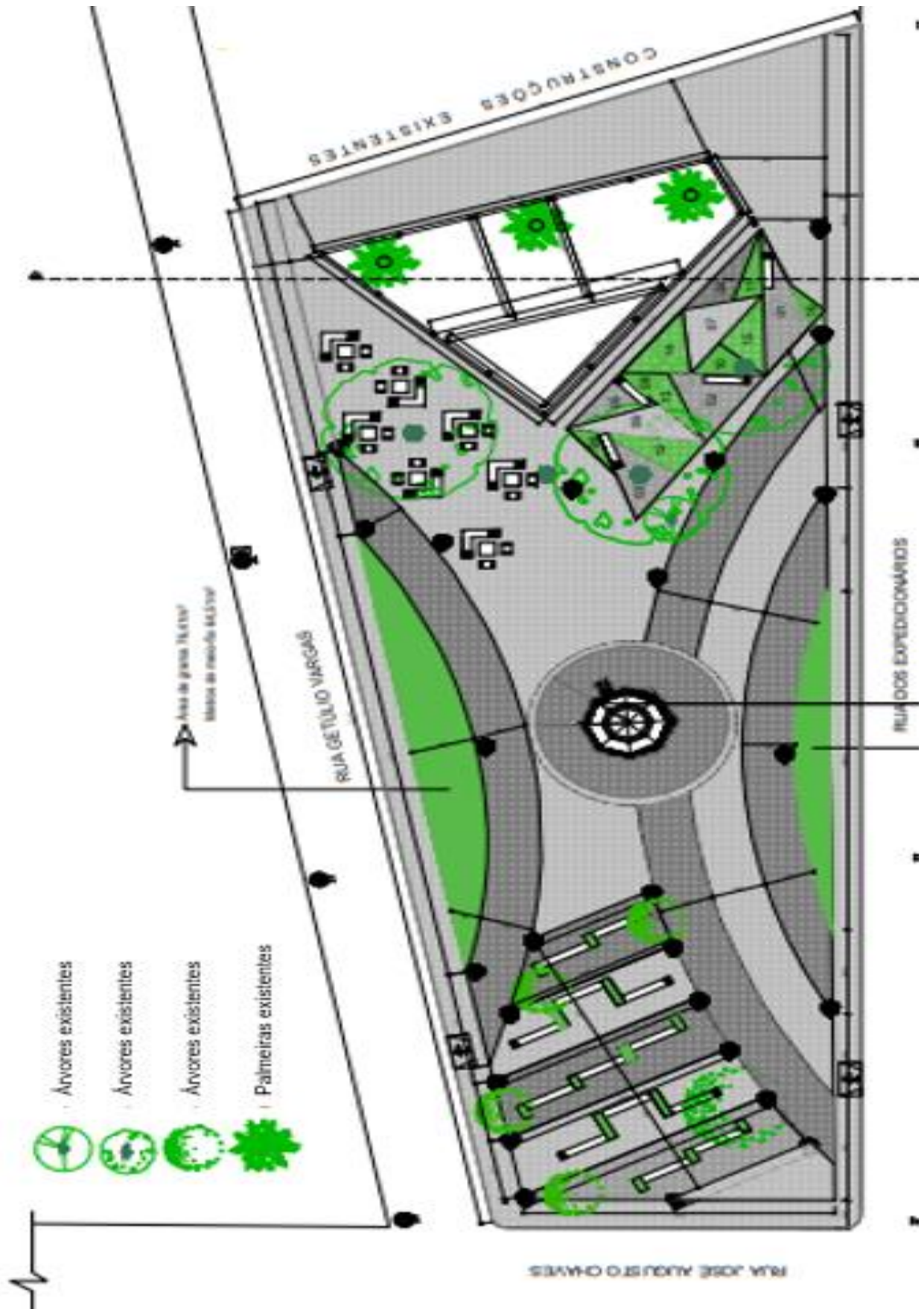
## **2) Considerações sobre a obra**

Durante a obra, a limpeza deve ser feita para uma boa organização e para evitar entulho e materiais espalhados na cidade, isso ficará por conta da empresa contratada. Ao final das obras deverá ser realizada a limpeza final para entrega da obra de maneira eficiente de modo a entregar a obra pronta para utilização dos moradores e inauguração.

### **5.2 Disposição das espécies no projeto paisagístico**

Com a atual configuração da Praça Coronel Torres (Figura 17), é possível perceber que nas jardineiras ao lado dos bancos, há folhagens plantadas, sem variação de espécie. Nos canteiros laterais tem somente uma palmeira azul plantada no centro de cada um deles. O atual projeto, não apresenta muitas cores vibrantes e diversas, e também não apresenta diversidade de espécies.

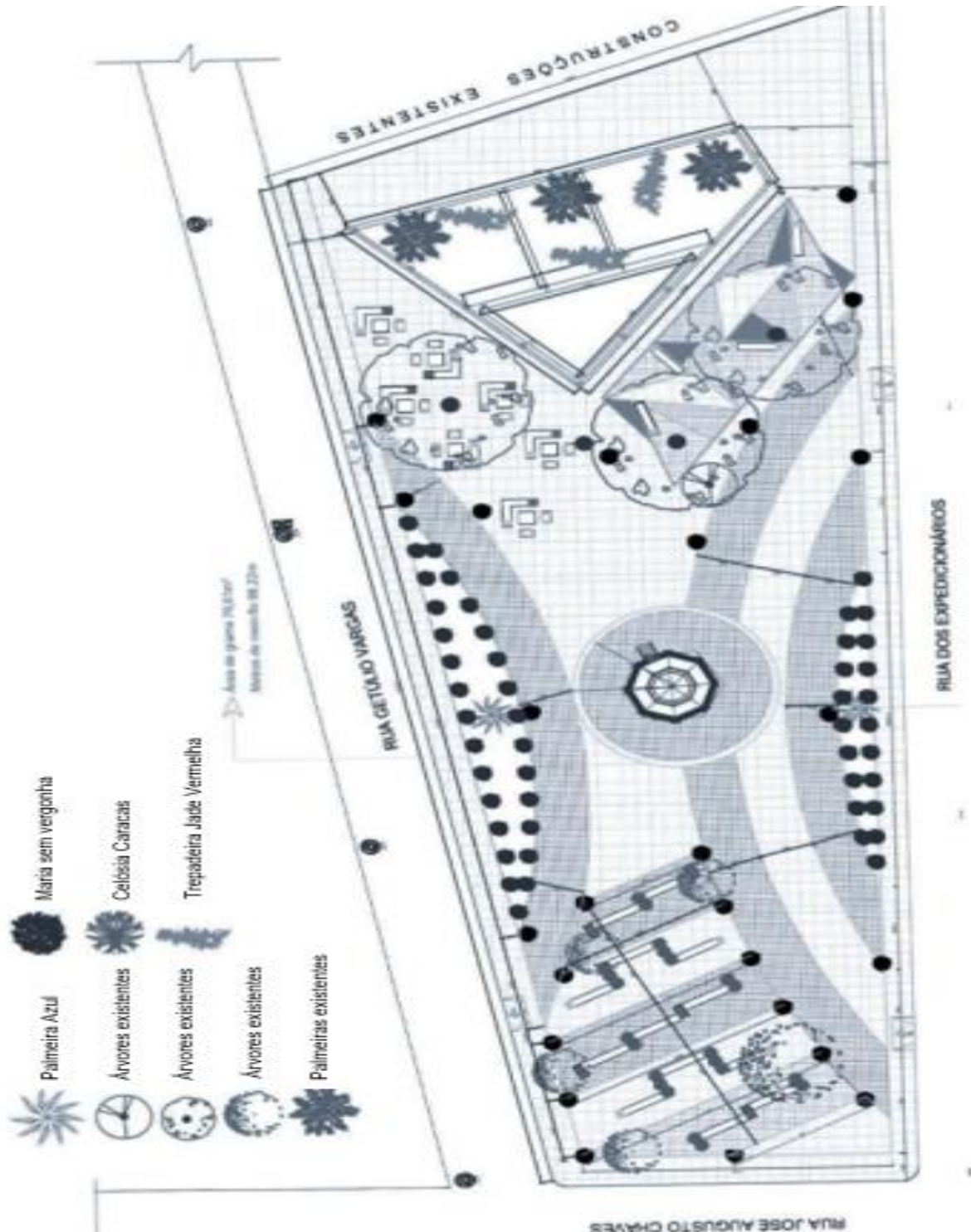
Figura 17 – Representação da Praça Coronel Torres atualmente.



Fonte: Prefeitura Municipal de Bamuí, 2024.

Já no novo projeto (Figura 18), foram intercaladas plantas de Celósia Caracas nas jardineiras próximas aos bancos. Em volta das palmeiras azuis, foram colocadas as plantas de Maria sem-vergonha ao redor dos aramados. E para os pergolados, mudas de jade vermelha, plantadas no chão ao lado dos pilares.

**Figura 18** – Representação da Praça Coronel Torres, nova proposta de projeto de paisagismo.



Fonte: Autor, 2024.

### 5.3 Planilha orçamentária

Com o projeto paisagístico já elaborado, é necessário incluir os gastos que serão gerados durante o processo e também os gastos com materiais, ou mudas de plantas. Sendo assim, os gastos com o projeto proposto foram de acordo com a planilha a seguir (Tabela 1):

**Tabela 1** – Planilha de custo orçamentario de plantas adquiridas para o projeto paisagístico.

PLANILHA ORÇAMENTÁRIA - PLANTAS		
PRODUTO	UNIDADES	PREÇO (UNIDADE)
GRAMA ESMERALDA	20	R\$ 8,00
CELÓSIA CARACAS	22	R\$ 7,00
MUDA JADE VERMELHA	9	R\$ 60,00
MUDA MARIA SEM-VERGONHA	48	R\$ 5,00
<b>Valor total orçamentário:</b>		R\$ 1.094,00

Fonte: Autor, 2024.

Para a mão de obra, os cálculos orçamentários foram feitos a partir do que foi proposto com o projeto. O pedreiro e servente ficarão responsáveis com a quebra do piso ao redor dos pilares do pergolado, e também com o posicionamento circular dos pisos para acabamento. Para esse trabalho, foram calculados 3 dias de serviço.

Já os jardineiros, ficarão responsáveis com a parte de plantio das mudas, iniciando com as mudas de Celósia nas jardineiras, depois com as Maria sem-vergonha nos canteiros laterais, e por fim, vão plantar as jades vermelhas nos espaços feitos pelos pedreiros. Todos esses processos serão feitos em 5 dias de trabalho, e os gastos, tanto com os pedreiros, quanto com os jardineiros foram descritos na Tabela 2. Ao final do projeto serão gastos os valor total de de R\$3.044,00 contabilizando a mão de obra e valor gasto com plantas (Tabela 3).

**Tabela 2** – Planilha de custo orçamentario com mão de obra para o projeto paisagístico.

PLANILHA ORÇAMENTÁRIA - MÃO DE OBRA		
PRODUTO	DIAS	PREÇO (DIA)
PEDREIRO	3	R\$ 150,00
SERVENTE DE OBRA	3	R\$ 100,00
JARDINEIRO (2 FUNCIONÁRIOS)	5	R\$ 120,00
<b>Valor total orçamentário:</b>		R\$ 1.950,00

Fonte: Autor, 2024.

**Tabela 3** – Planilha de custo orçamentário total para execução do projeto paisagístico.

GASTOS TOTAIS COM A OBRA	
GASTOS	PREÇO
MÃO DE OBRA	R\$ 1.950,00
PLANTAS	R\$ 1.094,00
<b>Valor total orçamentário:</b>	<b>R\$ 3.044,00</b>

Fonte: Autor, 2024.

## 6. CONCLUSÃO

Observando a Praça Coronel Torres, tanto em seu estado anterior quanto no atual, é perceptível que a recente reforma alterou completamente seu design original, comprometendo seu contexto histórico e resultando na distorção de um patrimônio cultural rico em recordações dos moradores e visitantes que aqui estiveram e vivenciaram.

Através de levantamentos bibliográficos, o trabalho conseguiu pontuar e mostrar as diferenças quanto à arborização e paisagem da Praça Coronel Torres ao longo dos anos até sua última reforma.

A praça Coronel Torres realmente necessitava de reformas, uma vez que não recebia cuidados adequados há anos. A área, que era totalmente arborizada, no entanto, perdeu essa característica na versão atual da praça, já que a maior parte dos bancos fica exposta ao sol. Embora tenham sido plantadas árvores, não estão recebendo a atenção necessária para garantir a preservação do paisagismo idealizado, resultando em uma praça com um aspecto frio e sem vida.

O projeto de revitalização da Praça Coronel Torres, visa resgatar principalmente a função de um espaço aberto, público de qualidade, com variedades de espécies plantadas em diversas áreas da praça.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. Dicionário Ilustrado de Arquitetura, 3ª. Ed. São Paulo, Pro editores, 2003.

ALVES, S. P. L.; XAVIER, E. G. Levantamento das espécies e origem de árvores e arbustos das praças públicas em Goianésia/GO-Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental**, Pombal, PB, v. 7, n. 1, 2013.

AMADOR, M. B. M. **Aspectos paisagísticos da vegetação de algumas avenidas e parques de Garanhuns -PE**. IN O Verde na Paisagem Agreste de Pernambuco: Urbano e Rural/ Maria Betânia Moreira Amador(org.). Tupã:ANAP, 2014. 130 p.

ASSUNÇÃO, K. C; LUZ, P.B.; NEVES, L.G.; SOBRINHO, S. P. **Levantamento quantitativo da arborização de praças da cidade de Cáceres/MT**. REVSBAU, Piracicaba – SP, v.9, n.1, 2014 Disponível em: [http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos\\_cientificos/artigo81sn-publicacao.pdf](http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos_cientificos/artigo81sn-publicacao.pdf)

BARBOSA, W. A. História da Cidade. Prefeitura de Bambuí. Disponível em: <https://www.bambui.mg.gov.br/a-cidade/historia-da-cidade> Acesso em: 10 fev. 2024. s.d..

BARGOS, D. C; MATIAS, L. F. 2011. Áreas verdes urbanas: um estudo de revisão e proposta conceitual. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, v.6, n.3, p.172 - 188.

BOENI, B. O; SILVEIRA, D. Diagnóstico da arborização urbana em bairros do município De Porto Alegre, RS, Brasil. REVSBAU, Piracicaba – SP, v.6, n.3, 2011. Disponível em: [http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos\\_cientificos/artigo177-publicacao.pdf](http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos_cientificos/artigo177-publicacao.pdf)

BUTTROS, S.. O coreto da praça Cesário Alvim em ouro preto: análise histórica, estilística e construtiva. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título em Tecnólogo em Conservação e Restauro. IFMG – Campus Ouro Preto. 2017.

CARRASCO, A. 21 árvores para calçada: como plantar sem medo de danificar seu espaço. Tua casa, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://www.tuacasa.com.br/arvore-para-calçada/>. Acesso em: 02 abril. 2024.

DALY, T. Trees and turf coexist uneasily but can successfully grow together if managed properly. GTA Today, Georgia, v. 23, n. 4, Jul/Ago 2008.

DIZERÓ, J. D. 2006. Praça do interior paulista: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas- PUC, Campinas, 159p.

DOURADO, G. D. (Org.). Visões de Paisagem. São Paulo: Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas, 1997.

FONT, M.. A praça em movimento: processos de transformações morfológicas e Funcionais no Brasil do século XX. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GODOY, L. J. G. de; VILLAS BÔAS, R. L.; BACKES, C.; SANTOS, A. J. M. Nutrição, Adubação e Calagem para produção de gramas. 1 Ed. FEPAF, 2012. 146p.

GUIZZO, D. J.; JASPER, A. 2005. Levantamento das espécies arbóreas dos passeios das vias públicas do Bairro Americano de Lajeado – RS, com indicação de problemas já existentes. *Pesquisas Botânica* 56: 185- 208.

HARDT, L. P.A. Áreas verdes como meio de recuperação de áreas degradadas urbanas. In: SIMPÓSIO SUL-AMERICANO E SIMPÓSIO NACIONAL RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS, 1994, Curitiba. Anais... Curitiba: FUPEF, 1994. p.173-184

HARDT, L. P. A. Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana. 2000. 323 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - Volume XXIV ano 1864. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=227295&view=detalhes> Acesso em: 05 de jan. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População no último censo, Bambuí (2022). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/bambui/panorama> Acesso em: 12 mar. 2024. 2022.

JAPYASSÚ, H. F.; BRESCOVIT, A. Biodiversidade araneológica na cidade de São Paulo: a urbanização afeta a riqueza de espécies? 3 p. Disponível: [www.ambientebrasil.com.br](http://www.ambientebrasil.com.br). Acessado em: 03 fev 2024.

JUSTE, L.C.; PAIVA, P.D.O. Historic rescue of the square of the Basílica of Bom Jesus de Matosinhos at Congonhas, Minas Gerais. *Ornamental Horticulture*, v.21, n.1, p.63- 76, 2015.

KRAMER, J. A; KRUPPEK, R. A. Caracterização florística e ecológica da arborização de praças públicas do município de Guarapuava, PR. *Revista Árvore*, Viçosa-MG, v.36, n.4, p.647-658, 2012. disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-67622012000400007>

LONDE, P. R., MENDONÇA, M. das G. Espaços livres públicos: Relações entre meio ambiente, função social e mobilidade urbana. *Revista Caminhos de Geografia*. v. 15, n. 49 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/24035/14366>

MACEDO, S. S.; ROBBIA, F. Praças brasileiras. São Paulo: Edusp, 2002.

MAGALHÃES, T. A. C. História da Cidade. Prefeitura de Bambuí. Disponível em: <https://www.bambui.mg.gov.br/a-cidade/historia-da-cidade> Acesso em: 10 fev. 2024. s.d..

MENDONÇA, L. B.; ANJOS, L. Beija-flores (Aves, Trochilidae) e seus recursos florais em uma área urbana do Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*. v. 22, n. 1, p. 51 – 59. 2005.

MIZUTANI, I. A. Arborização Urbana: 10 árvores que podem ser plantadas na calçada. *ESALQ JUNIOR* 2021. Disponível em:

<https://www.esalqjrfflorestal.org.br/post/arboriza%C3%A7%C3%A3o-urbana-10-%C3%A1rvores-que-podem-ser-plantadas-na-cal%C3%A7ada> Acesso em: 01 jan 2024.

MOREIRO, A. M.; SANTOS, R. F.; FIDALGO, E. C. C. 2007. Planejamento ambiental de áreas verdes: estudo de caso de Campinas-SP. *Revista do Instituto Florestal*, v. 19, n. 1, p. 19-30.

PEIXOTO, N. B. Paisagens urbanas. São Paulo: SENAC, 1996.

ROBBA, F; MACEDO, S. S. Praças brasileiras: public squares in Brazil. São Paulo: Edusp: Imprensa oficial do Estado. 2002.

RODRIGUES, L. S.; COPATTI, C. E. 2009. Diversidade arbórea das escolas da área urbana de São Vicente do Sul/RS. *Revista Biodiversidade Pampeana*, v. 7, n. 1, p. 7-12.

SILVA, L., J. Bambuí nas Trilhas da Picada de Goiás. 1º edição, 2011.

SILVA, R. N. da; GOMES, M. A. S. Comparação Quali-Quantitativa Da Arborização Em Espaços Públicos Da Cidade De Arapiraca-AL. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, Piracicaba – SP, v.8, n.2, 2013. Disponível em: [http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos\\_cientificos/artigo125snpublicacao.pdf](http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos_cientificos/artigo125snpublicacao.pdf)

SILVA, R. S.; MAGALHÃES, H. Ecotécnicas urbanas. *Ciência & Ambiente*. n. 7, p. 33 -42. 1993.

SOUSA, L. M. de; FIGUEIRÊDO, M. F; BRAGA, P. E. T. Levantamento Quali – Quantitativo da Arborização Urbana do Distrito de Rafael Arruda, Sobral, CE. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, Piracicaba – SP, v. 8, n. 3, 2013. Disponível em: [http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos\\_cientificos/artigo132sn-publicacao.pdf](http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos_cientificos/artigo132sn-publicacao.pdf)

SOUZA, A. L.; FERREIRA, R. A.; MELLO, A. A.; PLÁCIDO, D. R.; GOMES, L.P.S.; Diagnóstico Quantitativo e Qualitativo da Arborização das Praças de Aracaju, SE. *Revista Árvore*, Viçosa-MG, v.35, n.6, p.1253-1263, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-67622011000700012>

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. Botânica Sistemática. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

TAURA, H. M.; LAROCA, S. A associação de abelhas silvestres de um biótopo urbano de Curitiba (Brasil), com comparações espaço-temporais: abundância relativa, fenologia, diversidade e exploração de recursos (Hymenoptera, Apoidea). *Acta Biológica Paranaense*. v. 30, n. 1,2,3,4. p. 35 – 137. 2001.

VELASCO, G. D. N. Arborização viária x sistema de distribuição de energia elétrica: Avaliação dos custos, estudo das podas e levantamento de problemas fitotécnicos. Piracicaba: Universidade Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, 2003. 94p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia).